

2010: indústria química no azul

A indústria brasileira registrou uma forte expansão do PIB (conjunto das riquezas geradas) no primeiro trimestre de 2010 ante o primeiro trimestre de 2009, da ordem de 14,6%. Acompanhando este aumento da atividade a indústria química também obteve um forte crescimento nos primeiros cinco meses do ano.

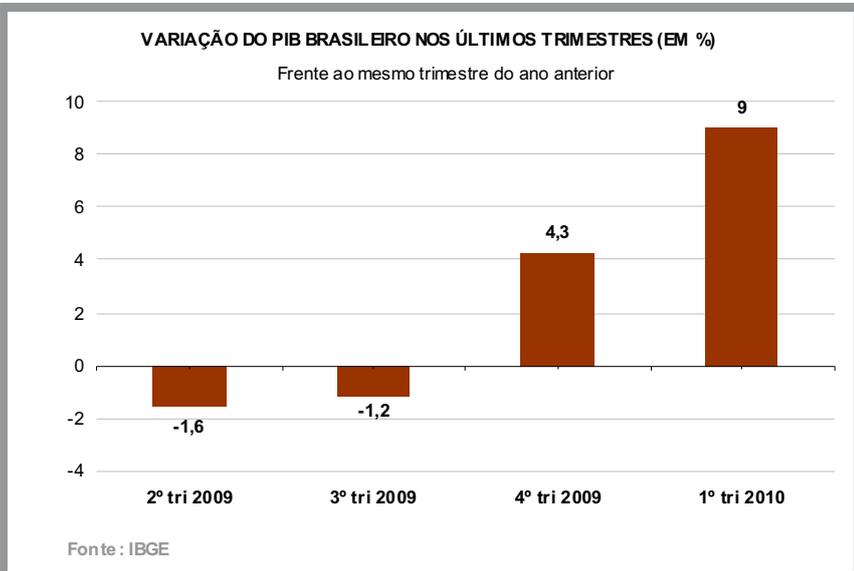
De janeiro a maio de 2010, sobre iguais meses do ano anterior, os índices de volume de produção e de vendas internas do segmento de produtos químicos de uso industrial, segundo informações preliminares calculadas pela Associação Brasileira da Indústria Química (ABIQUIM), tiveram crescimento expressivo: produção +13,12% e vendas internas +10,92%. Na comparação dos últimos 12 meses, sobre igual período anterior, as variações também são positivas: índice de produção +11,18% e vendas internas +4,75%.

Com exceção dos setores de intermediários para fibras sintéticas e para fertilizantes, todos os outros segmentos registraram aumento de vendas neste período. De acordo com a entidade, as previsões para o ano de 2010 são positivas, levando em consideração principalmente as expectativas de crescimento do PIB (superiores a 5%). Em 2009, quando a indústria química brasileira atingiu um faturamento de US\$ 103,3 bilhões, a mesma passou a ocupar a oitava posição no ranking mundial do setor, subindo uma posição. Os Estados Unidos, com faturamento de US\$ 674 bilhões, mantiveram o primeiro lugar, seguidos da China (US\$ 635 bilhões). O crescimento econômico projetado para os próximos dez anos, a possibilidade de reversão do déficit da balança comercial de produtos químicos, a expansão do segmento da indústria química de base renovável e o aproveitamento das oportunidades oferecidas pela exploração do pré-sal indicam um potencial de investimentos em nova capacidade da

ordem de US\$ 167 bilhões, no período entre 2010 e 2020. Para atingir esta meta de investimento, a ABIQUIM entregou no mês de junho um projeto para o BNDES com o objetivo de receber financiamento deste banco (que é público) para suas atividades.

O segmento de cosméticos também apresenta boas perspectivas de crescimento para 2010. Até o dia 14 de junho deste ano, o lançamento de novos produtos na área de perfumaria e maquiagem já superou o total de lançamentos realizados em 2009. O Brasil é o terceiro maior mercado de cosméticos do mundo e o segundo em perfumaria. Um negócio bastante lucrativo. A Unilever é a empresa que mais lançou produtos no primeiro semestre de 2010 em todo o mundo. E a Weckerle (cosméticos) a empresa que mais lançou produto no Brasil no mesmo período. A Natura é a quinta colocada em lançamento de produtos neste período, concentrando a maior fortuna do setor de cosmético no país.

O setor de transformados plásticos também projeta um crescimento para 2010 em torno de 8% a 10%. O aquecimento da demanda interna, o real valorizado em relação ao dólar e o recente recuo dos preços da nafta no mercado internacional, são os responsáveis por este bom desempenho do setor



plástico. Comparando com 2009, houve uma expansão de 25,59% na produção de laminados plásticos no primeiro trimestre de 2010. O segmento de embalagens plásticas cresceu 17,35% e o de artefatos plásticos, 25%. A receita total prevista para 2010 é de R\$ 41 bilhões frente a uma receita de R\$35,9 bilhões em 2009. Ou seja: vem aumento da lucratividade por aí.

Este melhor desempenho da indústria química acompanha também o crescimento da economia brasileira no primeiro trimestre de 2010, quando se registrou um aumento de 9% em relação ao primeiro trimestre de 2009. O sindicato dos químicos unificados já deu a largada na campanha salarial deste ano. Frente a este quadro geral de aumento dos níveis de produção, venda e faturamento da indústria química, de cosmético e dos transformados plásticos, é hora dos trabalhadores se mobilizarem para garantir aumento real de salários. Afinal de contas, esta maior riqueza do país e do setor químico é fruto, na maior parte, da exploração do trabalho dos próprios trabalhadores do ramo químico.



Crescimento em 2010

Química Industrial
+ 13,12% da produção
+ 10,92% das vendas
Janeiro a Maio 2010

Cosméticos
Até 14 de junho foi superado o total de lançamentos de produtos em 2009. Brasil é o terceiro mercado mundial de cosmético e o segundo de perfumaria.

Plástico
Previsão de 10% de crescimento em 2010, atingindo uma receita total de R\$ 41 bilhões. Uma alta histórica.

Saúde e medicamentos: direito ou mercadoria?

Por Felipe Remondi* e Bernardo Pilotto**

A compreensão de que a Saúde é determinada social e dialeticamente (tanto o social influencia o individual, quanto o inverso) vem ganhando força nas últimas décadas em função de sua relevância, mas principalmente por sua coerência. Admitir que a Saúde é socialmente determinada nos obriga considerar diversos elementos (hábitos de vida, genética, ambiente, condições de vida, alimentação e trabalho) que compõe esse processo, de forma que para se promover saúde é necessário o trabalho articulado e inter-setorial sob esses determinantes.

Longe da ingenuidade de compreender esse processo de determinação como isento de interesses políticos e econômicos, notamos que principalmente após a industrialização da sociedade o elemento mercantil tem influenciado direta e indiretamente esse processo. Na sociedade capitalista temos, hegemonicamente, a idéia de que a única possibilidade de ter saúde é consumir saúde. Consumir saúde leva diretamente ao consumo de medicamentos, que é o principal símbolo de "saúde" nesta sociedade.

Dada esta situação, a utilização do medicamento, da necessidade, prescrição e utilização, acontece por vias de uma ciência tortuosa, repleta de interesses econômicos e uma impressionante pressão das indústrias de medicamentos. O mesmo também acontece com as demais indústrias do complexo médico-industrial da Saúde, mas aqui faremos alguns apontamentos estreitos à indústria de medicamentos. Uma dessas estratégias foi evidenciada através da recente pesquisa do Cremesp (Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo) divulgada na edição do dia 31/05/2010 do jornal Folha de S. Paulo assustou a muitas pessoas: 48% dos médicos que recebem visita dos propagandistas dos laboratórios indicam remédios sugeridos pela indústria farmacêutica. A pesquisa mostrou ainda que 80% dos médicos recebem este tipo de visita, em média de 8 por mês; e "que 93% dos médicos afirmam ter recebido, nos últimos 12 meses, produtos, benefícios ou pagamento da indústria em valores até R\$500". Os dados assustam, pois desmascaram uma realidade de consequências ruins para o paciente e de impacto social fora de nossa compreensão. As indústrias farmacêuticas, ao serem orientadas pela busca do lucro (assim como as outras indústrias) investem pesadamente em propaganda, chegando este gasto a ser o dobro do que ela gasta com a pesquisa de novos tratamentos.

Tamanho publicidade é direcionada a todos os segmentos envolvidos com a utilização do medicamento. Vai das propagandas veiculadas diariamente para a população leiga, fomentando a automedicação irracional, passa pelas propagandas destinadas aos profissionais prescritores, como o apresentado pela pesquisa, e finaliza na propaganda destinadas as farmácias, contribuindo para a criação uma espécie de "empurroterapia" nos balcões.

A pesquisa também mostrou que o convencimento dos

laboratórios não se dá no campo técnico, que é um campo bastante discutível, mas através de brindes, pagamento de jantares, produtos, etc. No mar de medicamentos disponíveis no mercado (mais de 20mil) os profissionais se ancoram sua opinião naquilo que determinada indústria de medicamentos expressa através de ardilosas técnicas mercadológicas, originando hábitos de prescrição irracionais. Irracionais não pelo fato de que se escoram na falta de raciocínio na escolha de determinado tratamento, mas pelo fato de que esta escolha está bastante distante das reais necessidades da população, seja pela eficácia e segurança do tratamento ou até mesmo por ele ser inacessível financeiramente.

O grau de atrelamento, interesse financeiro e lucrativo envolvido na questão da Saúde defronta a proposta constitucional de que o Estado precisa garantir a saúde como direito inalienável ao cidadão, com integralidade do cuidado e a prioridade da prevenção, sem rebaixar a cura e reabilitação. A questão é, o quanto o direito a saúde é influenciado por uma sobredemanda curativa e enviesada, capaz de determinar a construção de um sistema de saúde mais voltado aos interesses das grandes corporações do que aos reais determinantes sociais da saúde?

Apesar de o Brasil ter avançado muito nos últimos anos, as políticas de medicamentos ainda são insuficientes para atender as demandas da sociedade, como notamos, em muitos pontos: o Programa Farmácia Popular apenas revende por um preço menor os medicamentos comprados dos grandes laboratórios pelos preços comerciais, sendo assim mais vantajoso à indústria do que ao cidadão que deveria ter aquele medicamento disponibilizado gratuitamente; o parque industrial nacional é amplamente dependente do mercado externo e a produção pública de medicamentos vem sendo sucateada ao longo dos anos; enfrenta-se grande lobby e batalhas jurídicas para qualquer tentativa de regulamentação mais rígida do setor; os gastos públicos são crescentes e continuam a se orientar pela lógica curativista de saúde; de todas as intoxicações, os medicamentos ocupam o primeiro lugar no Brasil. Para mudar esta situação, não são necessárias novas propostas. A VIII Conferência Nacional de Saúde, que reuniu 4 mil delegados de todo o país em 1986, se debruçou sobre o tema e decidiu: é preciso estatizar a indústria farmacêutica! Mesmo com esta força, visto que a proposta havia sido debatida no Brasil todo, esta questão não perdurou.

Vinte e quatro anos depois, mais do que nunca temos claro a relevância dessa proposta, assim ela precisa ser rediscutida urgentemente como pressuposto fundamental da construção de um SUS Integral e a altura das necessidades do povo brasileiro.

* Felipe Remondi é farmacêutico e mestrando em saúde coletiva na UEL.

** Bernardo Pilotto é trabalhador do HC/UFPR, sociólogo e diretor-licenciado do Sinditest/PR

Consumo Energético

A demanda global por energia aumentou nos últimos 150 anos, acompanhando o desenvolvimento industrial e o crescimento populacional. Especialistas prevêem que a sede por energia deve continuar a crescer em ao menos 50% até 2030, à medida em que países em desenvolvimento como a China e a Índia procurarem manter seu rápido crescimento econômico.

As maiores fontes da energia mundial (responsáveis por cerca de 80% da energia consumida no mundo no momento) são o carvão, o petróleo e o gás natural - os chamados "combustíveis fósseis" por terem surgido séculos atrás a partir de restos de plantas e animais mortos, ricos em carbono. No entanto, essas são fontes que um dia vão se esgotar.

Nas últimas décadas, também tem aumentado a preocupação sobre o impacto ambiental desses combustíveis. Os maiores especialistas em clima alertam que as emissões de gases do efeito estufa, criados pela queima de combustíveis fósseis e por outras atividades humanas, precisam ser reduzidas substancialmente para evitar mudanças climáticas perigosas.

A pressão para substituir os combustíveis fósseis colocou em evidência as chamadas fontes renováveis de energia - como, por exemplo, o Sol e os ventos. Mas elas também enfrentam desafios: as tecnologias viáveis ainda estão se desenvolvendo, e os custos de instalação tendem a ser altos.

